

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

1) SEMIÓTICA POÉTICA

— A MORTE da POESIA —

1. INTRODUÇÃO

"Ensaio de Semiótica Poética" é uma obra composta de uma série de estudos, elaborados por onze autores sob a coordenação e organização de A. J. Greimas. A obra se divide em cinco partes:

1. Teoria do Discurso Poético;
2. Problemas da Expressão;
3. Problema de Conteúdo;
4. Objetos Poéticos;
5. Esforços Teóricos.

A segunda metade do livro é uma tentativa de aplicação de algumas teorias, em textos poéticos de Rimbaud, Mallarmé, Michaux, sob um modelo estruturalista, porém sem lograr êxito no sentido de uma compreensão mais profunda do poético nestes textos.

Os ensaios giram em torno do conceito de **função poética da linguagem** definido, anteriormente, por R. Jakobson, como "o resultado da projeção do princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação" (prefácio p. 3).

Os estudos tentam desenvolver este conceito com o objetivo de construir uma **Semiótica Poética** procurando, para isso, caracterizar o objeto poético e explicitar regras que expliquem o seu funcionamento interno.

Porém não parece haver logrado êxito claro e imediato. É possível que seja uma tentativa ainda nebulosa e que, ainda, venha a tomar corpo e significação a imensidade terminológica ali projetada.

De fato, a infinidade de termos novos, ou exóticos, empregados nesta obra, dificultou, em parte, a compreensão dos propósitos básicos dos teóri-

cos em questão; cada estudioso tenta superar o anterior na criação de novos conceitos, donde advém a arbitrariedade dos mesmos e da própria ciência.

As vezes, ou na maioria das vezes, esta carga terminológica mais serve para confundir do que para esclarecer ou acrescentar novos níveis de percepção e conhecimento.

No terreno das ciências humanas, e de modo específico na lingüística, na teoria da comunicação, na crítica literária, os novos termos parecem exercer uma força mágica sobre certos teóricos, postulando, com isso, talvez, a originalidade de seu pensamento ou a eficácia do seu método semiológico, semiótico? (1)

2. O DISCURSO POÉTICO

O fato poético, segundo Greimas, não pode mais ser integrado na teoria geral da literatura, pois a literatura também como fato autônomo é contestada. O conceito de literariedade que era o seu fundamento é, hoje, considerado relativo, pois é interpretado como uma conotação sócio-cultural variável, de acordo com o tempo e o espaço humanos.

No caso da poesia, torna-se difícil escolher critérios bastantes gerais que permitam uma classificação geral.

A problemática do fato poético situa-se no quadro da tipologia dos discursos, a especificidade, que é percebida intuitivamente, deverá ser justificada por um arranjo estrutural do discurso que lhe seja peculiar e próprio.

A poesia existe — dela todos temos uma certa intuição, em grau maior ou menor dentro dos limites da "performance" de cada leitor.

A especificidade percebida intuitivamente só poderá ser reconhecida se o efeito produzido for justificado por um arranjo estrutural do discurso que lhe é peculiar. Trata-se de torná-lo objeto de ciência.

Segundo os estudos em questão, o que vai definir a especificidade do discurso da "Semiótica Poética" é o postulado da correlação do plano da expressão e do plano do conteúdo.

Afirmam que o efeito específico do discurso poético é um efeito dos sentidos provocado pelo significante sonoro.

Greimas nos apresenta dois tipos de problemas ao tentar explicitar o discurso poético e fundamentar a "Semiótica Poética":

- a) o discurso poético é um discurso duplo; suas articulações acontecem tanto no plano da expressão como no plano de conteúdo. O pro-

blema consiste em elaborar um instrumental que possa justificar e fundamentar os processos de reconhecimento das articulações destes dois planos do discurso:

- b) há diversos níveis lingüísticos homogêneos em cada um dos dois planos da linguagem — assim a **Semiótica Poética** deveria estar capacitada a estabelecer uma tipologia de correlações possíveis entre os planos da expressão e do conteúdo — e como conseqüência a instituir uma tipologia de objetos poéticos calcada nas atribuições dos níveis lingüísticos do discurso poético, tendo como ponto de partida a sua correlação.

A busca do fato poético que se manifesta numa classe particular de discurso não é tão simples como parece no primeiro instante: conceber o discurso como uma concatenação de enunciados não é suficiente para explicar a sua isotopia, ou seja, a sua coerência sintagmática.

Pela constatação de duas espécies de regularidades superpostas no discurso poético (gramaticais microestruturais e discursivas macroestruturais) fica clara a tendência de conceber este discurso como possível de ser definido pela superposição e pelo desvio por ela produzido.

Embora de um modo precário, pode-se distinguir três interpretações de desvio:

- a) agramaticalidade dos enunciados poéticos — seu estudo consistiria num registro de anomalias. Esta é uma tendência racionalista;
- b) opostamente à primeira, esta atitude postula a hipótese da linguagem poética, resultado da projeção sobre a língua natural cotidiana.

Estas duas atitudes apresentam o discurso poético como um conjunto de desvios sistematizáveis, passíveis de formar uma outra realidade, normalidade cuja relação com a primeira é uma relação de distorção.

- c) Roman Jakobson apresenta os desvios poéticos como desvios de estatuto paradigmático — assim a especificidade do Discurso Poético seria a "projeção dessas regularidades paradigmáticas sobre o desenrolar sintagmático da linguagem".

O que o autor, Greimas, salienta, a todo momento, é a dificuldade de obter um arranjo estrutural, científico, que possa analisar o discurso poético. A necessidade de uma gramática do discurso poético.

Não apresenta solução nenhuma. Apenas suscita dúvidas, propõe algum caminho e apresenta as dificuldades.

3. O PLANO DA EXPRESSÃO E O PLANO DO CONTEÚDO:

Para Greimas, a mensagem com função poética se diferencia de outras mensagens na medida em que presentifica um discurso capaz de articular, simultaneamente, os dois planos da linguagem.

Uma obra de arte é sempre formal, isto é, se propõe em dois níveis:

- 1) o nível da forma de expressão;
- 2) o nível da forma de conteúdo.

A mensagem é uma organização interna e o caminho para explicá-la é a sintaxe, da semântica na sua constituição profunda tanto na sua estrutura sintagmática como na paradigmática. O texto poético é, em primeiro lugar, um encadeamento sintagmático de signos, tendo um começo e um fim marcados por silêncios ou espaços brancos. O signo pode assumir várias dimensões; pode ser uma palavra, uma frase ou mesmo um discurso — assim o discurso poético pode ser considerado como um **signo complexo**.

O postulado da correlação do plano da expressão e do plano do conteúdo é o que define a especificidade da "Semiótica Poética" e é isto que se faz presente ao longo desta coletânea.

Assim, a função semiótica é uma função de solidariedade que mantém a unidade constituída pela forma do conteúdo e a forma da expressão. O signo, na verdade, deve ser compreendido como signo de uma substância de conteúdo e de uma substância de expressão o que lhe define uma grandeza bifrontal, aberta em duas direções: externamente, para a substância de expressão e internamente para a substância do conteúdo. Conforme "Prolegômenos", Hjelmslev (1975:54): "Não pode haver função semiótica sem a presença simultânea destes dois fúntivos, do mesmo modo como nem uma expressão e seu conteúdo e nem um conteúdo e sua expressão poderão existir sem a função semiótica que os une".

Segundo o mesmo autor, a linguagem de conotação (literária) é uma linguagem cujo plano de expressão é também uma linguagem; e a metalíngua é aquela cujo plano de conteúdo é uma linguagem.

Estes caminhos abertos, em primeiro lugar, por Saussure e por seu seguidor Hjelmslev, recentemente encontram ecos em muitos, e entre os mais destacados aqui encontram-se Greimas e Julia Kristeva.

Estes lançam mão da lógica simbólica e da matemática para uma organização de modelos semiológicos. A semiologia é, em última análise, uma formalização, uma produção de modelos e pelo fato de se elaborar como uma "axiomatização dos sistemas significantes" vai procurar seus modelos nas ciências formais.

Estes modelos aplicados no campo literário, de modo especial na sua produção mais pura: a poesia, não terá outro resultado senão o assassinato da mesma.

O **isomorfismo** dos dois planos (plano de expressão e plano de conteúdo) são de suma importância para a "Semiótica Poética". O postulado do **isomorfismo** entre os dois planos decorre do paralelismo entre significante e significado postulado por Saussure. Greimas se pergunta se este mesmo paralelismo poderia ser postulado para a construção das figuras.

As pesquisas realizadas nos dois planos da linguagem foram feitas isoladamente de modo que os resultados não são paralelos o que dificulta uma solução para o problema do **isomorfismo** e sua aplicação no campo das figuras.

Os autores dessa coletânea, na sua maioria, estão de acordo que os dois planos são bastante autônomos — quase que dois discursos paralelos — um fonêmico e outro semântico. O que ocorre é a ausência de modelos de articulação; não se pode, ainda, cogitar numa organização global do discurso poético.

Os dois sistemas virtuais de valores que formam a instância mais profunda da "langue" ou dos códigos, o da expressão e o do conteúdo, constituem-se como uma combinatória a partir de unidades semânticas de base ou figuras que podem ser denominadas **femas**, no caso do sistema da expressão, e **semas**, no caso do sistema conteúdo.

Os **femas** combinam-se entre si para formar unidades de nível superior: fonemas no caso da linguagem falada, do mesmo modo que os **semas** para formar os **sememas**.

Pode-se constatar um certo paralelismo na formação dos dois sistemas, mas que as unidades de nível superior resultantes não possuem, após a manifestação, as mesmas dimensões sintagmáticas — o **fonema**, no primeiro caso, não corresponde ao **semema** no segundo, cuja dimensão sintagmática mínima ao manifestar-se é a mesma de um **lexema**.

No plano da expressão, o discurso poético poderia ser concebido como uma projeção de feixes fêmicos isotópicos onde apareceriam as simetrias e as alternâncias, as consonâncias e dissonâncias e, finalmente, as transformações significativas dos conjuntos sonoros. A gramática da expressão poética poderia ser elaborada contendo modelos formais de organização de "taxias" fêmicas e das regras de geração dos discursos fêmicos conformes aos discursos semânticos. Dever-se-ia poder fazer a transposição do modelo gramatical de um plano para outro.

A dificuldade em se falar do plano da expressão decorre do fato de se saber tão pouca coisa a respeito das estruturas fonêmicas expressivas; no

caso do conteúdo a dificuldade decorre de que é difícil distinguir o significado poético dos outros discursos: literários, místicos, oníricos...

É preciso encaminhar, conjuntamente, dois discursos parelhos projetando as "coerções da expressão" sobre o desenrolar dos conteúdos e vice-versa que determinaria, em grande parte, as escolhas referentes a estas ou aquelas formas de organização do texto poético. Assim, talvez, fosse possível afirmar que o poético selecionaria as suas formas nos inventários que lhe são apresentados pela poética, isto conforme a concepção de Greimas. O que parece ser impossível — como poderia o poético nascer da poética?

O que é o poético?

"É o grau de densidade do texto" (Greimas).

Ora, se assim é, como captar a densidade de um discurso numa decomposição total do mesmo? A leitura narrativa, ou paradigmática, não passa de suporte e recurso para a expressão do poético. O poético se encontra além de qualquer estruturação.

Poder-se-ia dizer que o poético é imanente à estruturação do texto — mas ao mesmo tempo transcende o mesmo. Assim não interessa se a leitura do texto poético é feita como "taxia" ou como "narrativa".

Os autores afirmam que há uma "plurisofopia" nos textos e uma "infinitude de leituras possíveis" que variam de acordo com a "performance" dos leitores, e que suas análises científicas se baseiam nas isotopias e não no número de leituras possíveis.

Ora, será que a descodificação das isotopias não variam também de acordo com a "performance" dos leitores e dos estudiosos?

Este conjunto de reflexões visa a transmitir uma imagem das possibilidades atuais da análise do discurso poético com algum modelo, ainda que precário, mas que tenta ultrapassar os limites das puras intuições individuais.

4. OBJETO POÉTICO

Os autores deste livro são unânimes em reconhecer a dificuldade de uma visão homogênea sobre este assunto de poético e poética.

O que permite afirmar que um dado texto é poético?

Os objetos poéticos, conforme a concepção de Greimas, são de natureza biplana e conotados socialmente. Os conceitos de Fechamento e Abertura são outros elementos que aparecem na definição de objeto poético. Um

objeto poético pode ser dito aberto para outros objetos poéticos, porém fechado para outros tipos de objetos.

Assim, todo objeto poético abre-se para o universo das formas poéticas e só tem existência no interior desse universo e para o contexto semântico em que se insere e no qual é produzido.

O objeto poético tem uma íntima relação, também, com o universo semântico do sujeito produtor, o que equivale aludir ao problema da intertextualidade.

Conforme a concepção saussureana da relação arbitrária entre significante e significado, o objeto poético pode ser considerado motivado. A motivação poética está a meio caminho entre a motivação absoluta de um grito que se situa no limite da linguagem humana, e o caráter imotivado dos signos, pois não há isomorfismo nos planos de significante e significado — mas é no momento de sua manifestação — que se instala a motivação poética.

Ainda, conforme Greimas, um discurso poético ideal onde todos os níveis se vissem correlacionados e homologados todas as unidades estruturais, este seria o mais poético, mas na impossibilidade de homologar, mesmo às dimensões da frase, as estruturas da expressão e do conteúdo, seria reduzido a um grito do coração do poeta. Conseqüentemente, só é possível falar numa motivação relativa de objetos poéticos

Sob o ponto de vista da produção de objetos poéticos, é preciso perguntar a respeito do tipo de relações que se instauram, progressivamente, entre o plano da expressão e o do conteúdo.

Esse grito do coração ou essa verdade primeira aparecem em seu nível profundo como uma estrutura já desdobrada em sua bipolaridade sêmica e fêmica?

Qual seria o percurso da geração do objeto poético?

A significação captaria a sonoridade ou, ao contrário, a expressão selecionaria o conteúdo?

Por um lado, parece que a poesia seleciona e utiliza matrizes convencionais já estruturadas solidamente e delas se vale para organizar a forma discursiva dos conteúdos — isto é um postulado de J. Genette, ao passo que T. A. Van Dijk postula que na instância imediatamente anterior à manifestação, a expressão, ou o esquema discursivo fenomênico seleciona as realizações lexicêmicas dos conteúdos.

J. C. Coquet e C. Zilberberí vêem o fato de maneira inversa: o momen-

to em que as regras narrativas impõem as transformações dos conteúdos profundos e também o momento das disjunções e transformações da expressão — assim os momentos fortes da narrativa assinalam, situam e determinam as perturbações fonêmicas.

E esta vem constituir mais um obstáculo à elaboração da teoria dos discursos poéticos.

Além disto, como já foi aludido acima, não se pode deixar de lado uma **tipologia de conotação** dos objetos poéticos.

Os objetos poéticos também se acham submetidos a variações no tempo e no espaço, devidas às apreciações conotativas que a coletividade cultural dos consumidores profere sobre eles. Assim, conforme os mesmos autores, é variável o que é considerado poético e o que não o é.

Por esta dificuldade é que se justifica todo o esforço de estudiosos em apresentar, nesta coletânea, trabalhos de cunho prático conforme diz Jean-Claude Coquet "é mais pela eficácia dos métodos que pela habilidade conceitual das construções que pretendemos pautar nosso pensamento" (p. 35).

Procuram, através de um método, **identificar** o objeto poético e, conseqüentemente, o **conhecimento** do mesmo.

O próprio termo "**objeto**" poético se presta a discussões. É apresentado por J. C. Coquet sob três formas, levando em conta a concepção linguística para apreendê-lo:

- a) é dado como conhecido. É a concepção positivista. A descrição se baseia num a priori;
- b) são contestadas as noções de objeto e as de sujeito. O analista nega-se a descrever o objeto poético — "metamorfosela-se" em escritor;
- c) o objeto não é um dado imediato. Nesta terceira posição o objeto fica por descobrir. Isto requer uma gramática específica.

É o que se propõe esta coletânea — ainda numa tentativa muito incipiente e lacunar. Propõe como ponto de partida a "equivalência".

A idéia que pode ser detectada do princípio de equivalência é a de que no mesmo lugar da seqüência podem se encontrar e somar categorias de nível linguístico diferente, fônicas, gramaticais, semânticas. Assim, o texto poético, sob a forma de uma equação, se apresentaria sobre dois planos: horizontal e vertical onde os níveis linguísticos são ecos uns dos outros. O difícil é demonstrar tal princípio.

Jean Coquet tenta defender a teoria linguística pretendendo suprir-lhe as lacunas recorrendo aos métodos da lógica e da matemática, mas será possível reduzir a linguagem poética a modelos matemáticos? Como já foi expresso acima, seria o assassinato não só da poesia como da própria expressão poética.

5. SEMANÁLISE (Kristeva)

A gramática gerativa força a reflexão semiótica a considerar o sentido não como um dado presente que apenas precisa ser estruturado, mas como uma sintaxe que deve ser gerada.

Esta é a criação da significação e inseparavelmente a do sujeito falante.

Isto, segundo Kristeva, levaria a um positivismo estreito (p. 238 do livro analisado) a não ser que a semiótica se abra à ciência do sujeito, ou seja, à psicanálise. Só assim terá a possibilidade de se tornar uma ciência da produção do sentido e de seu sujeito. Esta ciência tentará desfazer e analisar a aparência opaca do signo — visa à decomposição do signo, remontando ao momento de sua criação. Esta semiótica levaria o nome de **Semanálise**. A justificativa para esta nova teoria seria a nova literatura, a partir do séculos XIX e XX, onde parece se fazer necessária uma nova modalidade de análise através da qual se busque as leis da criação do sentido e do sujeito da linguagem. Esta nova ciência se articularia a partir de pressupostos da linguística moderna e da psicanálise.

Nesta teoria é evidente a influência de Freud, e, mais recentemente, da psicanálise lacaniana. A **Semanálise** funda-se na "concepção freudiana do sujeito que tem como meta o estudo do trabalho da língua "sobre ela mesma" (Revista Vozes n.º 8, 1974). Caracteriza-se pela volta do semiólogo a uma atitude de escritor, de produtor do texto. É uma reflexão sobre o significante se produzindo em texto. Daí surgem os dois conceitos: **genotexto** e **fenotexto**. Genotexto é o processo de geração do sistema significante que se encontra manifestado no texto dado, isto é, no fenotexto. Assim, a **Semanálise** se apresenta como uma ciência que parte para a produção da significação a partir do discurso.

A significação seria o **processo** ou ato que une o significado ao significante. Para Saussure, o produto é o Signo, porém o significado está atrás do significante e só pode ser alcançado através dele SE/SO. Há sempre uma relação recíproca entre ambos. Para Hjelmslev, é uma relação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. (ERC). "E para Lacan o "S" é global, por detrás está o significado. O elemento principal é a barra, que representa a repressão do significado S/S" conforme revista citada acima.

A semiótica literária, segundo a concepção de Kristeva em suas próprias palavras:

"De modo que, para nós, a Semiótica dita literária não constitui uma tradução em termos modernos da retórica clássica, e sim uma análise do trabalho sobre o significante: análise que terá início pelo estabelecimento do conceito de texto e que terá como objetivo revelar as operações significantes em cada texto particular na medida em que essas operações se prendem a um sistema mítico ou a uma etapa das ciências, transpondo desta maneira as transformações míticas e científicas na tessitura da língua, na linguagem, — o que significa em última instância, na história social, cujo desenvolvimento pode permanecer profundo e inconsciente" (Ensaio de Semiótica Poética, 1972: 240-5).

A Semanálise visa, portanto, aos textos não só literários mas outros, tais como: religiosos, políticos, míticos, etc.

Este novo processo de análise visa a decompor o signo, abrir-lhe os espaços internos — o domínio da "significância".

A Semanálise vale-se dos procedimentos lógicos, lingüísticos, matemáticos e da reflexão filosófica sobre o ato do significante, o que a própria semiologia faz, mas ela tenta um passo a mais — tenta captar a problemática da elaboração do sentido buscando apoio, como já foi dito acima, na teoria freudiana do Significante.

Como se processaria a Semanálise?

Deve iniciar pelo questionamento dos elementos fundamentais da significação no sistema da comunicação: "o signo e o seu correlato, o sujeito", isto levaria à descoberta radical da lógica do significante e/ou do inconsciente.

Semanálise — a palavra *análise* é usada neste termo "em seu sentido etimológico original: morte, crítica, destruição, partida (**deslocamento**) da superfície do signo / da comunicação, a fim de descobrir por intermédio delas uma estratificação infinita de marcas irredutíveis ao efeito da estrutura" (idem p. 242).

Um dos pressupostos da Semanálise é a teoria do sonho de Freud — onde não só há uma produção, mas também transformação. A passagem do conteúdo latente para o conteúdo manifesto são percebidos pela análise de maneira inversa transformada. É ainda conforme Lacan que o inconsciente é a linguagem que escapa ao sujeito.

"Assim o discurso poético é um espaço de transformação, de abalo da logicidade do discurso e da absorção do sujeito, de sua pulverização" (Revista Vozes nº 9, 1975).

O texto se apresenta como postulação de várias significações, labirinto onde o sujeito se perde, torna-se anônimo.

Apesar de parecer uma busca da estrutura profunda — a Semanálise passa a se preocupar muito mais com a sintaxe e a sua produção infinita que com a semântica.

O texto para a Semanálise, não passa de um fato social.

6. OBSERVAÇÕES FINAIS

Após a leitura deste conjunto de reflexões vê-se, obrigatoriamente, que a investigação literária é, hoje, uma tarefa interdisciplinar. Um estudo semiótico supõe uma visão filosófica, uma abstração matemática e lógica e segundo Kristeva um conhecimento psicanalítico, acima de tudo, uma descodificação do nosso mundo cultural, que aponta uma grande transformação em todos os sentidos.

Aparece uma maneira totalmente nova de conceber a linguagem.

Conforme Eduardo Portella, no artigo "Algumas Proposições Semiológicas", in: "O tempo Brasileiro" nº 25, 1970, "A reflexão literária, hoje, pressupõe uma releitura do nosso acervo cultural, para que o texto possa emergir como um instrumento efático de crítica da cultura.

Como todo o nosso saber e cultura ocidentais se desenvolveram sob os parâmetros da metafísica, o novo pensar literário aparece como uma revolução pois recusa um signo estático e a metafísica tradicional. Surge uma nova concepção, diria quase que um mito em torno do **significante**. E tamanha polêmica se faz em torno do mesmo, talvez porque o mundo moderno tenha perdido o seu correlato: o **significado**.

Tudo parece centrar-se no fazer poético — mas um fazer poético lógico, estrutural e estruturado, ao passo que a verdadeira dimensão do fazer poético escapa a uma apreensão rigorosamente lógica. A semiótica como disciplina da lógica encara o conhecimento como estrutura lógica — os modelos por ela montados, não resta dúvida de que, são, indiretamente, uma **mimese** cujo princípio de analogia das funções substitui o princípio da analogia da natureza; conforme Eduardo Portella.

A semiótica dirige-se a uma obra pronta, não lhe interessa o ato criador — a inspiração e imaginação, a natureza como fonte inspiradora, a consciência, escapam aos seus modelos. A existência, para ela, é operacional — o que disto transborda e escapa, não existe. A especulação científica de cunho apenas metodológico que se projeta sobre a linguagem apenas na sua forma funcional não atinge o movimento totalizante do real que se delinea nos vários sentidos do Discurso.

A linguagem tampouco se encontra fora do homem. Conforme Heidegger "o homem é linguagem" — e, "o homem é na linguagem". Assim, como

pensar a linguagem sem pensar no homem? — A linguagem é a revelação da existência, é um fato existencial — por isso, difícil será reduzi-la a um modelo epistemológico como estrutura, o que viria a decretar a morte do poema e quem sabe do homem.

A primeira vista, a Semanálise parece oferecer uma nova abertura para este problema, quando se propõe partir do discurso para chegar à produção da significação. Mas o que ela busca não é senão a **problemática** da geração do sentido, que, no fundo, não é senão o produto de uma estrutura.

Que estrutura é esta?

O significante é o gerador do sentido?

Será o homem também um significante sem significado?

Terá que produzir o seu próprio sentido?

Dentro de uma tal concepção o texto é autônomo no mais absoluto e perigoso sentido da palavra — é um Soberano.

O homem criador perdeu-se no significante, ou melhor, foi tragado por ele, na concepção de Kristeva.

Diluiu-se o sujeito. É o declínio do humanismo. Com isto não se quer ofuscar o mérito dos estudiosos. Não, apenas apontar uma ameaça.

E para concluir, apenas uma citação do diálogo entre Saussure e Hölderlin de Manuel Carneiro Leão, publicado em "Tempo Brasileiro" (1974, p. 29).

Saussure: A linguagem é mesmo tão grande como a estrutura de línguas e discursos?

Hölderlin: Língua e Discurso são o abismo da linguagem. Nele a Linguagem não cai porque não cabe. A Linguagem é sempre o perigo, na liberdade deste perigo se dá a estruturação de toda estrutura da língua e discurso.

Referências Bibliográficas:

- GREIMAS, A. J. et alii. **Ensaio de semiótica poética**. São Paulo, Cultrix, 1972.
- GUARANY, Wilson & BENTZ, Ione. **Metacomunicação**. 2. ed. Porto Alegre, PUC, 1975.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- Tempo brasileiro**. n. 25, abr./jun. 1970 n. 29, abr./jun. 1972.
- VOZES, Revista de cultura**. n. 8, 1974, n. 10, 1970; n. 9, 1975.

Libera Mezzari

- 2 — REIS, Carlos — **Introdução à leitura d' "Os Maias"** Coimbra, Almedina, 1978, 172 p.

Tem crescido, indiscutivelmente, a bibliografia crítica acerca de Eça de Queirós, nos últimos tempos. A que se deverá o fato? Com certeza, à inegável atualidade das obras de ficção do grande estilista português do século XIX, em particular algumas no campo do romance, como **O Crime do Padre Amaro**, **O Primo Basílio** e **Os Maias**. Este último apresenta uma série de temas e enfoques que ainda não tinham comparecido em sua ficção anterior.

Por essa razão é que se revela providencial o lançamento do presente volume de Carlos Reis que nos oferece uma visão panorâmica, mas, também, em profundidade do alentado romance **Os Maias**.

Partindo de considerações sobre a evolução literária, a crise do Naturalismo (que deve ser tomado como Realismo), o A. discute sobre os vários aspectos do plano do enunciado: personagens, espaço, ação, tempo e ideologia e outro no plano da enunciação: o foco narrativo.

Para o estudo do romance em si, Carlos Reis recorre a autores que, com grande versatilidade e verticalidade, se dedicaram à análise e à crítica do romance em questão. Destacando-se, dentre eles, Jacinto do Prado Coelho, em **Ao Contrário de Penélope**, Antônio Coimbra Martins, nos **Ensaio**

Queirozianos, e Alberto Machado da Rosa, dentre outros. No caso das obras teóricas auxiliares do estudo, destacam-se Gérard Genette, Jean Pouillon, A. J. Greimas, Michel Zeraffa, Roland Barthes, dentre outros. Dos romancistas franceses com que o A. confrontou posições literárias de Eça de Queirós, aparecem lembrados com frequência Gustave Flaubert e Émile Zola. Finalmente, no tocante à bibliografia crítica sobre **Os Maias** comparecem com muitas idéias Alberto Machado da Rosa, João Gaspar Simões e Jacinto do Prado Coelho.

A definição crítica de C. R. no presente volume se opera na análise de elementos intrínsecos e extrínsecos. Dentre os primeiros surge com ênfase o estudo da ideologia e dos temas d'**Os Maias**; no caso dos segundos o A. entra pelo campo das considerações sobre a evolução literária de Eça, a crise do Naturalismo e finalmente ingressa nos elementos extrínsecos: personagem, espaço, ação, ponto de vista e tempo. Neste particular, o A. poderia ter completado a análise do romance com a incursão no campo que permite resolver muito da técnica de Eça de Queirós n'**Os Maias**: o dos recursos narrativos, em especial considerando a descrição, a narração e o diálogo.

Na análise das principais personagens do romance, Carlos da Maia, Maria Eduarda e Pedro da Maia, o enfoque se operou em duas direções: na verificação da educação dada a elas e na sua representatividade social na medida em que através das criaturas do romance, C. R. procurou vislumbrar os graves defeitos de uma sociedade que de certa forma, enquanto ideologia constitui uma reduplicação do real. Além do peso da educação, no caso especial de Carlos da Maia e Pedro da Maia, o A. procurou fixar a importância dos caracteres hereditários, para explicar algumas ações e reações dessas mesmas personagens.

No capítulo dedicado ao espaço, não obstante o destaque das idéias sobre o espaço físico e social, pareceram-nos de vital interesse as posições do autor em torno do que chama de espaço psicológico:

"Com o espaço psicológico situamo-nos num domínio estreitamente relacionado com a problemática do tempo subjetivo e com o ponto de vista da narrativa. Com efeito, neste âmbito está em causa, de modo particular, a exploração de um espaço já não objetivo (como o físico) nem de implicação eminentemente crítica (como o social); é este um espaço assim chamado apenas figuradamente, porque com ele se penetra nas "zonas" de vivência íntima de determinadas personagens. E nos **Maias**, como é natural, essas personagens são as que desempenham papéis mais relevantes na ação (p. 68).

Logo em seguida, o A. passa a considerações acerca de aspectos ligados aos níveis e relevo da ação, da estrutura actancial e da intriga, destacando em especial a linha trágica, que realmente se constitui num aspecto de alta relevância n'**Os Maias**.

Os capítulos finais são dedicados aos seguintes tópicos: ponto de vista, tempo e ideologia. No caso do primeiro, C. R. se detém na focalização onisciente e em especial no ponto de vista interno às personagens Carlos da Maia, João da Ega e Vilaça.

No caso do tempo, dá ênfase especial à problemática da história e do discurso, incidindo posteriormente na análise das analepses, redução temporal e isocronia, encerrando o capítulo com considerações sobre o tempo psicológico no romance em tela.

No que tange à ideologia, o A. se detém nos processos conotativos de expressão ideológica, centrando-se nas figuras do narrador e da personagem central, concluindo pela análise ideológica do trágico.

Todos os capítulos se encerram com uma breve síntese, na qual o A. procede a um verdadeiro balanço do significado maior de cada capítulo. Seguem-se bibliografia, índice de autores e geral.

Em síntese e em conclusão, o presente estudo de C. R. se revela de interesse na medida que se constitui no modelo e amostra da leitura em profundidade e também no plano didático de um dos mais importantes romances de Eça de Queirós e aquele que apresenta uma visão panorâmica dos graves problemas da sociedade portuguesa do século XIX, na medida que se constitui em obra irrecusavelmente colada ao real.

Proporciona, assim, aos estudantes e professores de Literatura e, em especial, aos que se dedicam a Eça de Queirós, um roteiro límpido e completo da abordagem do romance **Os Maias**.

João Décio